

ENSINO ESCOLAR DE HISTÓRIA COMO ALFABETIZAÇÃO
HUMANÍSTICA
TEACHING OF HISTORY IN SCHOOL AS HUMANISTIC LITERACY

Ricardo de Aguiar Pacheco*

RESUMO

Tomando a alfabetização como o processo de apropriação e utilização de uma dada linguagem propomos que a disciplina escolar de história deva promover a alfabetização humanística. Ou seja, a iniciação ao uso da linguagem, conceitos e procedimentos próprios das ciências humanas para observar e interpretar os fenômenos sociais.

PALAVRAS CHAVE: ensino de história; alfabetização humanística, disciplina escolar de história.

ABSTRACT

Taking literacy as the process of appropriation and use of a given language, we suggest that the school discipline of history should promote humanistic literacy. That is, the starting of use of the language, concepts and proceedings related to human science in order to observe and interpret social phenomena.

KEYWORDS: teaching of history; humanistic literacy; school discipline of history

A alfabetização, sumariamente tomada como processo de aquisição de uma linguagem, significa instrumentalizar o sujeito a operar os diversos códigos construídos pelas comunidades para representação e comunicação do mundo físico e social. Como nos lembra Pierre Bourdieu (2001: p.205.) “*a cultura escolar propicia aos indivíduos um corpo comum*

* Licenciado e Doutor em História; Professor Substituto no DECC/FURG.

de categorias de pensamento que tornam possível a comunicação.” E nunca é demais lembrar que utilizar um código para se comunicar significa também fazer uso de um conjunto de estruturas lógicas ordenadoras e estruturantes do pensamento.

Assim ocorre com a alfabetização na língua materna onde o letramento significa a possibilidade do sujeito fazer uso do código escrito para registrar a comunicação verbal. Mas também se fala em alfabetização matemática como a apropriação do significado dos signos numéricos como uma linguagem capaz de representar, organizar e operar com as quantidades. Já a alfabetização científica significa. Como argumenta Attico Chassot (2003: p. 91.) “*ser alfabetizado cientificamente é saber ler a linguagem em que está inscrita a natureza. É um analfabeto científico aquele incapaz de uma leitura do universo.*” A alfabetização, como aptidão no uso de um código, ocorre nas diferentes linguagens. Dessa forma podemos falar de uma *alfabetização humanística* do sujeito como o processo de apropriação dos signos, dos conceitos e das estruturas de pensamento utilizadas pelas ciências humanas para interpretar as relações sociais.

O ensino escolar de história, numa visão alfabetizadora, volta-se para a iniciação do educando na observação sistemática das relações sociais. Assim podemos propor que a disciplina escolar de história promova no educando a apropriação e o uso de conceitos como o tempo, espaço, processo histórico, instituições sociais entre outros. Faça a iniciação ao uso das estratégias de organização e interpretação temporal dos eventos. Ou seja, ao transmitir as datas e fatos próprios das informações históricas dispostas no currículo passe a falar sobre o passado utilizando os recursos das ciências humanas desenvolvendo uma linguagem e estruturas de pensamento que permite aos sujeitos interpretarem e se inscreverem o mundo social em que estão inseridos.

Para além de apresentar a informação certa e verdadeira o educador se volta para tarefas que capacitem o educando a utilizar e operar ferramentas conceituais e procedimentos de organização e investigação oriundos dos diferentes campos do conhecimento. Da mesma forma como a alfabetização na língua materna significa a utilização de uma estrutura lingüística complexa para efetivar o registro das impressões do mundo e comunicação das idéias a alfabetização numérica, científica e humanística deve possibilitar a aquisição dessas diferentes códigos como estratégias de ler e interpretar o mundo.

A proposta de uma alfabetização humanística pode soar estranha. Mas isso se deve ao fato do mundo social se apresentar tão imediato a todos que julgamos não ser necessário um código diferenciado, como o numérico para a matemática, ou vocabulário próprio, como o caso das ciências da natureza. Paulo Knaus (2005: p. 282.) nos lembra que ao utilizarmos a linguagem verbal ordinária para comunicar suas conclusões das ciências humanas temos a falsa impressão de que os conceitos humanísticos são termos da linguagem cotidiana.

“a questão que se coloca diante deste panorama da história ensinada é que o fundamento científico da história raramente foi ressaltado na sala de aula, não se constituindo na base da organização dos conteúdos do conhecimento histórico a serem trabalhados na sala de aula.”

Tomemos como exemplo o conceito de tempo. Vivemos o tempo com tal intensidade em nosso cotidiano que por vezes não o reconhecemos. Todos nos vivemos e desenvolvemos nossas atividades numa dimensão temporal. Tudo e todos estão situados em um determinado espaço, mas esse posicionamento também se situa num determinado tempo. Por exemplo, quando dizemos: – Eu estou na escola. É preciso lembrar que: – ‘Nesse momento’ eu estou em tal lugar. Nas sociedades industriais próprias do mundo contemporâneo todos nos organizamos nosso cotidiano com base na ordenação temporal. Preparamo-nos para a hora do trabalho e planejamos o que faremos nas horas de descanso. A noção de tempo nos permite ordenar essas atividades e saber quanto ficaremos em cada atividade. Marcamos nossos encontros e ficamos chateados quando nos desencontramos por nos esquecermos que cada indivíduo vive o tempo simultaneamente de forma diferente enfrentando, cada qual, os seus desafios e dificuldades particulares para chegar até o ponto de encontro.

Para psicólogo Jean Piaget (1980) o tempo é uma noção complexa, pois sua compreensão depende do entendimento e associação das noções de sucessão, duração e simultaneidade. Por sucessão entende que o tempo é o que nos permite ordenar os eventos, reconhecer o que ocorreu antes ou depois. Como duração o tempo nos permite saber o tamanho dos eventos. E a simultaneidade nos possibilita reconhecer que em um mesmo momento diversos eventos ocorrem em espaços diferentes sem que tenham relação uns com os outros. Para o historiador Jacques Lê Goff (1996) o tempo histórico – que chamamos de passado/presente/futuro – é uma construção da consciência humana a partir de sua própria

experiência no mundo. Assim diferentes sociedades construíram diferentes temporalidades, distintas relações com a dimensão temporal. Algumas constroem a idéia de um passado mítico e imutável das tradições; outras visualizam um passado narrado pelo presente, presente este que constantemente o reelabora seu discurso sobre o passado.

Como vemos o tempo é uma dimensão complexa com as quais todos os sujeitos se relacionam. A qualidade e os usos que cada sujeito faz dessa relação vai depender da consciência que temos dessa dimensão do mundo social. Uma alfabetização humanística deveria oportunizar situações em que os educandos tomassem consciência do tempo como dimensão da vida social. Mas proporcionar também o uso de diversos outros conceitos próprios das ciências humanas tais como sociedade, instituições, processo e consciência histórica. Enfim, possibilitar a aquisição dessa linguagem científica e dessa estrutura de pensamento que permite aos indivíduos se reconhecerem como sujeitos inseridos em relações sociais. Promover a iniciação na observação sistêmica do mundo social e na operacionalização de noções como as de tempo e espaço.

Um currículo escolar contemporâneo deveria se preocupar com a alfabetização humanística dos educandos. Uma iniciação a conceitos e procedimentos de interpretação próprios das humanidades. A alfabetização humanística implica na atualização do currículo da disciplina escolar de história. Para cumprir tal tarefa propomos que a disciplina escolar de história trabalhe com três ordens de saberes humanísticos: as informações históricas, os procedimentos de pesquisa e as ferramentas conceituais. Por informações históricas nos referimos ao conjunto de data e fatos articuladores da memória social. Os procedimentos de pesquisa próprios das ciências humanas são as estratégias de coleta e organização das informações sociais. As ferramentas conceituais são os instrumentos teóricos que permitem ao sujeito comunicar e interpretar os fenômenos sociais. É importante destacar que a alfabetização humanística não significa uma ruptura abrupta com o que é ensinado na escola, mas uma tomada de consciência por parte do educador de quais saberes e com qual finalidade está lecionando história para estudantes das séries iniciais.

Numa visão alfabetizadora trabalhar com as informações históricas, com as datas e fatos da memória social implica menos em uma memorização mimética desses dados historiográficos e mais em uma construção dos significativos sociais desses eventos

históricos. Nesse sentido as datas e heróis nacionais são lembranças tão importantes, tão significativas, quanto as datas e heróis das comunidades locais. Essas informações são elementos simbólicos que estabelecem e reforçam o sentimento de pertencimento identitário dos sujeitos a sua comunidade local, regional e nacional.

De forma semelhante a utilização dos procedimentos de pesquisa próprios das ciências humanas com educandos do ensino básico significa propor experiências concretas com as chamadas fontes históricas. Propor a coleta e organização de dados empíricos por parte dos educando. Assim propostas de atividades como a leitura crítica de um documento antigo e a confecção de uma linha de tempo são oportunidades do educando desenvolver as habilidades de leitura e de identificação das idéias presentes em um panfleto eleitoral e organização do seu próprio tempo presente. Ao mesmo tempo lembramos que o depoimento oral, ou a entrevista, de uma pessoa significativa da comunidade também é fonte histórica tão importante quanto o pronunciamento de um presidente da república; a observação sistemática de bens patrimoniais como edificações e objetos de uso cotidiano também pode ser operacionalizada como consulta a fontes históricas, como observação de vestígios de um tempo passado que deixou seus indícios no presente.

Com o emprego de conceitos próprios das ciências humanas propomos nada mais que um refino da linguagem já utilizada pelos educadores para nomear os objetos trabalhados nas aulas de história. Nomear os objetos sociais, tal como o ato de nomear elementos do mundo material é parte de uma operação racional e científica que, simultaneamente, não permite o uso de um mesmo termo para dois objetos distintos, mas também possibilita o agrupamento de objetos distintos em um mesmo conceito. Nesse sentido, termos como estado, cultura e passado mais que substantivos abstratos são formulações que designam objetos concretos do mundo social.

Para não deixar a impressão de que a alfabetização humanística é uma proposta por demais complexa para o ensino fundamental podemos visualizar rapidamente dois exercícios modelo. Um muito conhecido e recorrente nos livros didáticos é o desenho da família. O outro, com menor divulgação e com uma operacionalização um tanto mais complexa, é o museu na caixa de sapato. O que desejamos descrever aqui não é a sua execução, mas apenas evidenciar que informações históricas, procedimentos de pesquisa e as ferramentas

conceituais são saberes e fazeres já largamente trabalhados em sala de aula. Cabe apenas termos consciência dessa dimensão do trabalho pedagógico para que possamos potencializá-lo.

É comum aos educadores de séries iniciais proporem aos educandos que realizem o desenho de sua família. Após essa etapa os desenhos são expostos ao grupo sendo feita a relação de cada um deles com um modelo ideal de família celular. É nesse momento que propomos a reflexão conceitual. A família celular composta de papai, mamãe e filhinhos é cada vez mais uma raridade nas sociedades contemporâneas. O convívio familiar com avôs, primos e tios, enteados e padrastos é cada vez mais recorrente nas unidades familiares e logo presente nos desenhos realizados pelas crianças para representar suas famílias. Porque então não explorar justamente essa diversidade de organização familiar problematizando com os educando o que vem a ser família, ou seja, o próprio conceito de família como instituição social.

Uma outra atividade que se difunde nas escolas é o emprego de uma caixa de sapato para que cada educando realize uma seleção de objetos significativos de sua trajetória pessoal. Nela cada um pode colocar na caixa aquilo que desejar: fotos antigas, brinquedo que não usa mais, peças do vestuário entre outros objetos. Na seqüência da atividade cada educando apresenta sua exposição de objetos e a narra o significado e importância de cada objeto para a sua memória pessoal. Essa atividade possibilita, para além da atividade de colecionar e narrar, o desenvolvimento da noção de patrimônio histórico. Os objetos da caixa, tais como os objetos de um museu histórico, estão ali guardados não por seu valor financeiro ou estético, mas pelos significados culturais que lhes são atribuídos pelos agentes sociais. O sapato do berçário, a foto da viagem não são peças raras, mas são únicas por evocar a lembrança de eventos. Da mesma forma a preservação de bens patrimoniais como as peças de museu e as edificações antigas devem ser preservadas (e conservadas) pela comunidade como estratégia para manter presente a memória coletiva das comunidades.

Nessas e em muitas outras atividades didáticas é possível trabalhar didaticamente informações históricas, procedimentos de pesquisa e ferramentas teóricas. A educação é um amplo processo de formação do sujeito, de aquisição de linguagens e estratégias metalinguísticas para realizar a leitura do mundo em que está inserido. Nas séries iniciais a ação didática está

focada na alfabetização. Alfabetização que não é apenas da língua materna, mas também numérica, científica e humanística. Alfabetização que potencializa a capacidade dos educandos de interpretarem e escreverem o mundo social em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In: *A economia das trocas simbólicas* (5ª Ed.). São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 203 – 230.

CHASSOT, Attico. *Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social*. Rev. Bras. Educ., Abr. 2003, nº.22, p.89-100.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, 1990.

KNAUSS, Paulo. O desafio da ciência: modelos científicos no ensino de história. In: *Cadernos CEDES*. Campinas, vol. 25, n. 67, p. 279-295. set./dez. 2005.

LE GOFF, Jacques. Passado/presente. In: *História e memória*. (4ª Ed.) Campinas, SP: Unicamp, 1996. p. 203-232.

PIAGET, Jean. *A noção do tempo na criança*. Rio de Janeiro: Record, 1980.